



“I IDADE DO FERRO”

Existe uma “I Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental?
o exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo
de Cavaleiros)

Jéssica Levy Reprezas

Mestre em Arqueologia, jessicareprezas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico da Fraga dos Corvos, implantado num esporão rochoso na vertente noroeste da Serra de Bornes (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), tem sido alvo de trabalhos arqueológicos, extensamente publicados, desde 2003. Estando, hoje,

a sua ocupação identificada no “Sector A” relativa à “I Idade do Bronze” bastante bem caracterizada, os trabalhos iniciados em 2011 no denominado “Sector M” têm trazido à luz novos e surpreendentes dados relativamente à ocupação humana deste sítio.



FIG. 1 – VISTA AÉREA DA FRAGA DOS CORVOS, COM A LOCALIZAÇÃO DOS SECTORES A E M.



Desde há muito identificado com um “castro” em função de uma muralha em talude que circunscreve o cabeço, supunha-se que o sítio tivesse conhecido uma “fase de apogeu”, materializada por essa mesma estrutura, enquadrável no Bronze Final. Os materiais arqueológicos recolhidos no processo de limpeza da muralha (nomeadamente uma fibula de filiação mediterrânica, paralelizável com o espólio metálico recolhido do Abrigo do Sector A), sustentaram esta hipótese, e motivaram o investimento numa plataforma adjacente à estrutura (Luís, Reprezas e Senna-

Martinez, 2012). O decorrer dos trabalhos trouxe a lume evidências mais complexas¹ e cronologicamente mais problemáticas, e que motivam a presente discussão.

Importa lembrar que a investigação dirigida para o Sector M é ainda recente, pelo que todas as hipóteses aqui levantadas são necessariamente provisórias; procuramos, antes de apresentar respostas, introduzir no debate hipóteses que norteiem os trabalhos vindouros.

2. TRÁS-OS-MONTES E A IDADE DO FERRO

A compartimentação dos períodos históricos, como é sabido, é tradicionalmente utilizada para definir intervalos temporais em que determinada ordem se manteve, nos vários planos que caracterizam as sociedades humanas. O arranque da Idade do Ferro no espaço peninsular deriva de uma contingência que lhe é externa, o que necessariamente condiciona os seus ritmos, e fragmenta, no espaço e no tempo, as comunidades humanas por ela afectadas. Desta forma, a informação sobre a chegada de agentes externos oriundos do oriente mediterrânico, é facilmente rastreável no mundo peninsular meridional, uma vez que se materializa em alterações abruptas e palpáveis do mundo indígena – na organização do espaço doméstico e nos seus hábitos de consumo; duas dimensões materiais arqueologicamente rastreáveis. A esta fase de recepção e adopção da novidade, tem-se atribuído a designação de “período orientalizante”, tanto mais expressiva quanto maior a proximidade às zonas de estabelecimento dessa mesma interface. Em regiões remotas relativamente ao foco de instalação das “feitorias” fenícias, como o é Trás-os-Montes (e o Norte de Portugal de uma forma geral), os dados arqueológicos revelam uma manutenção do *status quo*, quer seja no que diz respeito ao povoamento, quer quanto à cultura material. Os contactos estabelecer-se-iam de forma esporádica, pontual, sem que aparentemente tenham motivado uma indução efectiva de mudança arqueologicamente visível. Assim, caracterizar, em Trás-os-Montes, uma “I Idade do Ferro”, obriga a que nos descolemos do paradigma meridional, isto é, que não procuremos o “pacote” de transformações observável no espaço me-

ridional efectivamente colonizado, mas antes, a uma outra escala, que compreendamos os moldes e o verdadeiro impacto das relações entre esse mundo e as regiões que lhe são periféricas. Por outro lado, obriga também a que não concebamos essa mesma “I Idade do Ferro” apenas como “período orientalizante”, em que o mundo indígena é progressivamente substituído por um novo paradigma por força da chegada de um agente colonizador, mas também como um período cronológico onde esse mesmo agente colonizador é conhecido mas não determinante (ou fracturante) na ordem estabelecida.

Estão, em Trás-os-Montes, estudados sítios da II Idade Ferro romanizados (como a Terronha do Pinhovelo, Macedo de Cavaleiros) (Barranhão e Terezo, 2006), que marcam já uma fase tardia desta “proto-história”, enquanto o Bronze Final é um período pobremente caracterizado. Para o nosso território, há um longo e mal definido “Bronze Final”, cuja transição para uma Idade do Ferro “observável”, começamos agora a desbravar.

No paradigmático sítio do Crasto de Palheiros é também este momento transicional aquele que oferece menos certezas; “(...) a reduzida área das duas unidades estratigráficas identificadas com a Idade do Bronze Final não permite a caracterização necessária do tipo de ocupação presente nem que se afirme com absoluta segurança a continuidade ou descontinuidade entre a ocupação da I. do Bronze Final e da I. do Ferro” (Sanches, 2008, p. 48). Para a autora, com base na morfologia dos artefactos e nas datações radiométricas, o Bronze Final

¹ Os resultados da campanha de 2011 estão disponíveis no artigo A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A Campanha 9(2011) – Primeira análise comparativa dos Sectores A e M – I Idade do Bronze / Bronze Final?, publicado do nº9 dos Cadernos Terras Quentes.

O presente trabalho consiste na sistematização, de cariz mais teórico, do estudo do espólio cerâmico do Sector M (Campanhas de 2011 e 2012), cuja divulgação preliminar foi feita no II Encontro de Jovens Investigadores da bacia do Douro, promovido pela Zamora Protohistórica, em Outubro de 2012 – Problemas da transição do Bronze Final para a Idade do Ferro em Trás-os-Montes Oriental: primeira notícia sobre o espólio cerâmico do Sector M da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). O trabalho será publicado nas actas do encontro.



prolongar-se-ia até ao séc. VI/V a.C., seguida da ocupação atribuível à Idade do Ferro, numa “*longa ocupação que não mostra hiatos temporais de permanência no local, nem marcadas discontinuidades do ponto de vista arqueológico.*” (idem, p. 50). Assim, apesar das subtilidades artefactuais que denunciam o avançar do tempo e fazem eco das enormes transformações

sociais, económicas e “políticas” que se desenrolam a Sul, o Crasto de Palheiros não apresenta alterações de fundo na sua organização e na sua economia. Tal afirmação podemos traslada-la para a Fraga dos Corvos, com base nas primeiras informações que o Sector M tem fornecido.

3. A EVIDÊNCIA MATERIAL

A Campanha de 2011 proporcionou, logo à partida, uma quantidade anómala de artefactos metálicos (Senna-Martinez, *et al*, no prelo), que, apesar da sua tipologia, surgem numa quantidade difícil de compreender, sobretudo quando assumida uma cronologia onde se crê que os contactos com os mundos meridionais fossem muito raros e não sistemáticos. A inexistência, até ao momento, de datações radiométricas para o sítio, obrigou a que se propusesse um intervalo cronológico baseado em paralelismos tipológicos, sobretudo com base nesses mesmos objectos metálicos - a metalurgia foi, efectivamente, durante uma fase precoce dos trabalhos, o único indicador concreto da *decalage* cronológica entre os Sectores M e A (este último com vestígios de ocupação durante a I Idade do Bronze). A filiação tipológica das fibulas com modelos mediterrânicos de tipo *Acebuchal* e *Bencarrón* (apesar de representarem modelos “adaptados” ou reinterpretados dos protótipos fenícios originais) (Senna-Martinez, *et al*, no prelo) motivaram o balizamento do sítio em torno do séc. VIII – VII a.C. As fibulas são, como é sabido, artefactos de acentuada longevidade e dispersão geográfica; a complexidade dos mecanismos, caminhos e processos que subjazem à sua chegada à Fraga dos Corvos não permitiam a nosso ver, e por si só, datar com segurança o Sector M. A já referida abundância deste tipo de objectos, tão raros em cronologias recuadas, permite problematizar, por um lado, a verdadeira dimensão dos contactos estabelecidos com o Sul, e por outro, a expressão social que teriam no seio das ‘elites’ que habitariam a Fraga.

O espólio cerâmico, por sua vez, não forneceu inicialmente respostas satisfatórias que pudessem calibrar a proposta cronológica até então admitida. Trata-se de

um reportório cerâmico extremamente monótono – com semelhanças assinaláveis com o Sector A (nomeadamente quanto ao fabrico), o que nos permite entrever a permanência no tempo e no espaço das comunidades da Fraga, e o acentuado conservadorismo da sua cultura material². Esta manifesta tendência para a continuidade está também expressa no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, onde “*a continuidade técnica ao nível das pastas cerâmicas é um ponto assente na história deste povoado desde o IIIº milénio. (...) no Bronze Final / Idade do Ferro há uma evidente inovação ao nível formal mas não a nível técnico*” (Sanches, 2008, p. 130). Do ponto de vista morfológico, podemos afirmar que há, no Sector M da Fraga dos Corvos, uma pequena margem de recipientes “novos”, enquanto a maioria repete as formas já identificadas no Sector A.

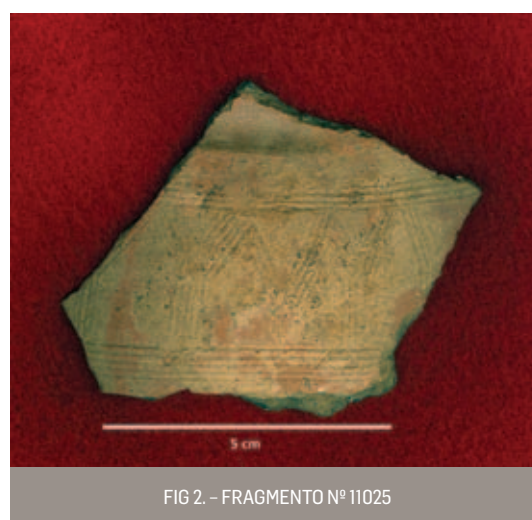


FIG 2. - FRAGMENTO Nº 11025

2 Nesta linha, achamos pertinente sublinhar que nos níveis da Idade do Ferro da Terronha do Pinhovelo, às vésperas da romanização, “O conjunto artefactual caracteriza-se pela quase exclusividade dos fabricos manuais (...)” (Barranhão e Tereso, 2006, p.22).



Foi a exumação de um conjunto de fragmentos cerâmicos de proveniência / inspiração alógena que permitiu estabelecer paralelismos profícuos, desta vez a Este. Trata-se de recipientes dotados de decoração “penteada” (incisões com recurso a pentes), cujo foco original encontramos na Meseta espanhola, e com distribuição muito circunscrita no actual território português. Para além do Crasto de Palheiros, que se vai afigurando como um povoado cuja história tocará num determinado momento a da Fraga dos Corvos, e onde também se verifica o “*Uso extensivo de decorações penteadas (...) semelhantes àquelas que ocorrem em muitos sítios da Meseta*” (Sanches, 2008, p. 134), apenas conhecemos o foco do Alto Côa, onde a decoração penteada parece abundar. Em sítios como Sabugal e Sabugal Velho, foram recolhidos fragmentos deste tipo, de “*nítida proveniência mesetenha*” (Osório, 2009, p. 95), normalmente associadas a recipientes de fabrico a torno, muitas vezes pintados, cuja vigência se baliza entre os séculos V e IV-III a.C., bem como à generalização do ferro (Osório, 2005, p. 44).

Os autores são unânimes ao colocar as cerâmicas penteadas numa fase precoce da Idade do Ferro mesetenha, eventualmente ainda num momento transicional, concretamente naquilo a que comumente se designa por “Período Soto” (apesar de permanecerem até momentos bem mais recentes). Elas abundam em diversos sítios mesetenhos, como La Sanchorreja e Las Paredejas (Fabián García, 1986-1987), La Mota (Delibes de Castro e Romero Carnicero, 1992), etc. Apesar da relativa longevidade deste tipo decorativo, parece-nos pacífico associá-la à Idade do Ferro, desde o seu início às suas fases mais avançadas. Segundo a proposta de Alvaro-Sanchis, podemos balizar a sua génese não antes nos finais do séc. VII a.C. (1999). Pensamos, por isso, que a sua presença na Fraga dos Corvos trará necessari-

Parece existir, efectivamente, uma permanência de uns a par com a introdução de outros, convivendo na estratigrafia de forma indestrinçável. Não podendo prever a identificação, no futuro, de um ‘momento estratigráfico’ perfeitamente paralelizável com o mundo Cogotas I (Bronze Final pleno mesetenho), ele parece-nos, neste momento, pouco provável.

amente a cronologia para diante, pelo menos até ao séc. VI a.C. A transição Cogotas I – Soto é lida por alguns autores como um momento de transição do regime de povoamento, de um ritmo de mobilidade plurianual para um perfeitamente sedentário, num processo induzido por agentes externos (Delibes de Castro, Romero Carnicero, 1992); a Fraga dos Corvos estará imbricada nesta problemática transicional, ainda que no contexto da sua condição periférica a estas “ondas de choque”.

Foram também, ainda que em menor quantidade, exumados fragmentos dotados de decoração de tipo “protocogotas”, idênticos àqueles que constituem a “norma” decorativa do Sector A (Luís, 2010). A “personalidade decorativa” da Fraga dos Corvos caracteriza-se também pela “reinvenção” e reconjunção local de gramáticas decorativas, sistematicamente apegadas aos modelos mesetenhos. Se este facto era observável no Sector A, (na prevalência absoluta das gramáticas decorativas “protocogotas”) (Luís, 2010), é, agora, também no Sector M - há, em toda a Fraga dos Corvos, um aparente “vazio” entre os modelos decorativos “protocogotas” e a cerâmica penteada, atribuída ao “horizonte Soto de Medinilla”.

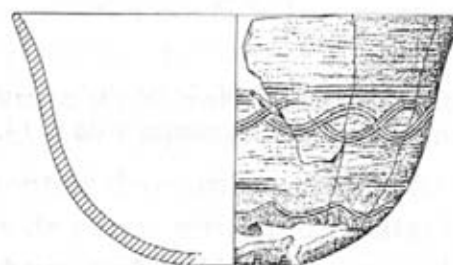


FIG. 3 – RECIPIENTE DECORADO “A PENTE”, PROVENIENTE DE LA MOTA (RETIRADO DE TRECEÑO LOSADA E SECO VILLAR, 1995).

Aventamos, para já, a possibilidade de uma evolução artefactual própria e a manutenção dos protótipos “protocogotas”, que passam, num dado momento, a conviver com a nova vaga de influências, corporizadas pelas decorações penteadas. Há, no entanto, que esperar pelos resultados das próximas campanhas de escavação.

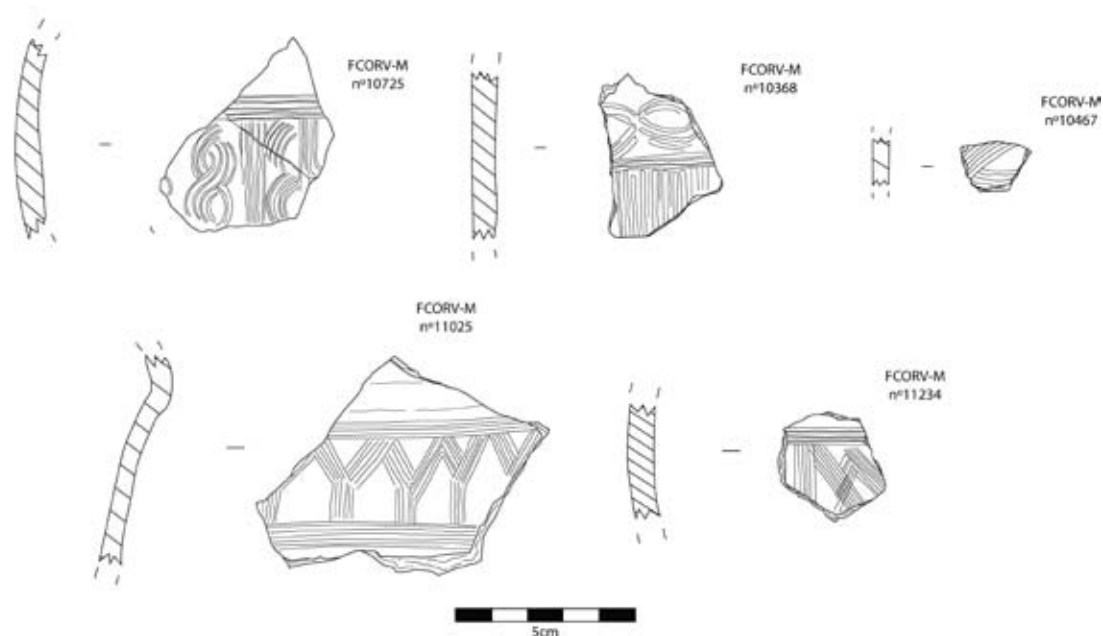


FIG. 4 - MOTIVOS DECORATIVOS PENTEADOS DO SECTOR M

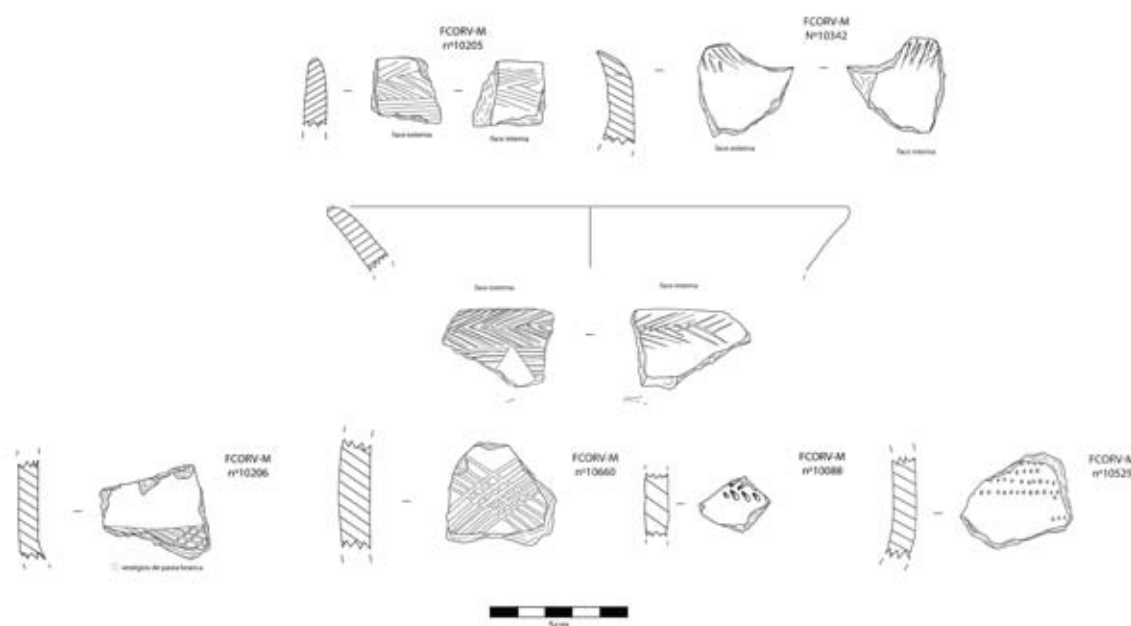


FIG. 5 - MOTIVOS DECORATIVOS COM PARALELOS NO DO SECTOR A.

Estas elações permitem, num sentido lato, considerar a Fraga dos Corvos como um exemplo de 'absorção activa' da influência externa. Quer sejam os objectos de excepção que emanam do sul, quer sejam as decorações cerâmicas vindas de este, as comunidades da Fraga dos Corvos parecem ter adoptado no seu seio apenas uma parte do outro. O que subjaz a estas

escolhas constitui ainda, e talvez para sempre, uma incógnita. Por outro lado, a Meseta espanhola é a região com que a Fraga tem relações privilegiadas e preferenciais, numa muito longa diacronia. Esta região parece ser, durante esta época, um pulsante centro de produção cultural, que se propaga por uma vasta área de influência.



4. CONCLUSÕES

O panorama que se vislumbra para Trás-os-Montes oriental durante a transição do Bronze Final para a Idade do Ferro, ainda que toldado pela escassez dos dados, é o de um mundo consciente e integrado nas dinâmicas supra-regionais, mas fortemente apegado às suas estruturas económicas e culturais, com pronunciados traços de conservadorismo material. Assim, a Fraga dos Corvos, neste quadro, afigura-se um mundo com ritmos próprios, perfeitamente integrado no seu contexto supra-regional, com relações preferenciais com a Meseta espanhola, em toda a diacronia diagnosticada até agora.

A difícil leitura de “momentos de transição” levam-nos muitas vezes a que nos socorramos de “pacotes transicionais” - conjuntos de variáveis arqueologicamente visíveis (roturas na cultura material, na organização do espaço, etc.), que lemos de forma integrada, e consideramos os “requisitos mínimos” para validar propostas cronológicas. Na Fraga dos Corvos, a evidência sugere-nos que as mudanças tenham sido paulatinas e “truncadas” - se por um

lado observamos a proliferação de objectos de adorno de bronze, bem como a ocorrência, ainda que tímida, de objectos de ferro (Reprezas, *et al*, 2013), por outro o espólio cerâmico é de produção manual (à excepção de um único fragmento exumado em 2011) (Luís, *et al*, 2012).

A leitura integrada do espólio da Fraga dos Corvos leva-nos, ainda que com as naturais reservas, a propor um intervalo provável e prudente de ocupação entre os séculos VIII e V a.C.

Resta acrescentar que a pergunta que é lançada no título não encontra resposta nestas linhas – os constrangimentos que resultam do estudo de um sítio arqueológico “isolado” no seu contexto regional são também oportunidades de criar novas perguntas. Temos a convicção de que o Sector M da Fraga dos Corvos será certamente um sítio-chave na compreensão das dinâmicas económicas, sociais e culturais das comunidades de Trás-os-Montes Oriental entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Bibliografia

- ÁLVAREZ-SANCHIS, J. (1999) – Los Vettones. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BARRANHÃO, H.; TERESO, J. (2006) – A Terronha de Pinhovelo na ciuitas zoelarum: primeira síntese. *Cadernos Terras Quentes*, 3.
- DELIBES DE CASTRO, G.; ROMERO CARNICERO, F. (1992) – El último milénio a.C. en la Cuenca del Duero. Reflexiones sobre la secuencia cultural. *Complutum*, 2-3, pp. 233-258.
- FABIÁN GARCIA, J. (1986-1987) – El Bronce Final y la Edad del Hierro en “El Cerro del Berrueco” (Ávila-Salamanca). *Zephyros - Revista de prehistoria e arqueologia*, nº 39-40, pp. 273-287.
- LUÍS, E. (2010) – A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o conjunto cerâmico da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- LUÍS, E.; REPRESAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J.C. (2012) – A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) - Campanha 9(2011). Primeira análise comparativa dos Sector A e M – I Idade do Bronze / Bronze Final?. *Cadernos Terras Quentes*, 9.
- OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. *Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior - Lusitanos e Romanos no Noroeste da Lusitânia*. Guarda, pp. 35-65.
- OSÓRIO, M. (2009) – A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier (Ed). *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres* (Memorias: 9). Museo de Cáceres, p. 95-115.
- SANCHES, M. J. (2008) – O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça – Portugal). Câmara Municipal de Murça.
- SECO VILLAR, M.; TRECEÑO LOSADA, F. (1995) – Perfil arqueológico de un poblado de la Edad de Hierro al sur del Duero – La Mota, Medina del Campo. *Arqueología y Medio ambiente: el primer milenio a. C. en el Duero medio* / coord. por Germán Delibes de Castro, Zoa Escudero Navarro, Fernando Romero Carnicero, Arturo Morales Muñiz. pp. 219-246.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; REPRESAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M.F. e SILVA, R.J. (no prelo) – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. *O Arqueólogo Português*. 2012.